



O CETICISMO QUANTO À RAZÃO EM HUET E HUME *

Huet's and Hume's scepticism with regard to reason

Wendel de Holanda Pereira Campelo **

Resumo: A despeito de ser bem menos conhecido atualmente, o problema do ceticismo quanto à razão foi um assunto bastante relevante entre os autores dos séculos XVII e XVIII, da mesma maneira que o ceticismo quanto ao mundo exterior. Nesse sentido, busco apresentar os impactos de Huet sobre a posição de Hume no que concerne ao ceticismo quanto à razão do *Tratado da Natureza Humana*, particularmente a partir da versão pirrônica elaborada por Huet do argumento cartesiano do “Deus enganador”. Assim, como mostrarei neste trabalho, Hume está correto pelo menos ao associar o argumento cético quanto à razão ao ceticismo pirrônico.

Palavras-chaves: Huet. Hume. Ceticismo. Pirronismo. Razão.

Abstract: Despite being much less known nowadays, the problem of skepticism with regard to reason was a very relevant subject among authors of the 17th and 18th centuries, in the same way that skepticism with regard to external world. In this sense, I pursue to present Huet's impacts on Hume's position concerning skepticism with regard to reason on *Treatise of human nature*, particularly from the Pyrrhonian version elaborated by Huet of the Cartesian argument of the “deceiving God”. Thus, as I will show in this paper, Hume is at least correct in associating the skeptical argument with regard to reason with Pyrrhonian skepticism.

Keywords: Huet. Hume. Skepticism. Pyrrhonism. Reason.

* Artigo recebido em 26.02.2023 e aprovado para publicação em 09.06.2023.

** Doutor em filosofia. Atualmente é bolsista pós-doutoral na Universidade Federal do Amazonas.

O problema do ceticismo quanto à razão, apesar de ser bem menos conhecido atualmente, foi um assunto bastante relevante, entre os autores dos séculos XVII e XVIII, da mesma maneira que o ceticismo quanto ao mundo exterior.

Ao abranger todos os objetos da razão humana (inclusive os raciocínios matemáticos), tal ceticismo trouxe consigo uma dúvida de maior alcance com relação aos demais argumentos cétricos, quando determinou uma total suspensão do juízo sobre toda crença e evidência.²

Nesse sentido, busco apresentar os impactos da obra do francês Daniel Huet (1630-1721) sobre a filosofia do escocês David Hume (1711-1776), no que concerne ao ceticismo quanto à razão em seu *Tratado da Natureza Humana* (1739-40), particularmente a partir da versão pirrônica elaborada por Huet do argumento cartesiano do “Deus enganador”. Pondero que tal ceticismo apresenta relevantes traços de pirronismo, ao menos em dois aspectos: 1) a dúvida quanto à capacidade humana em conhecer a verdade; e 2) a adoção da estratégia tipicamente pirrônica de produzir equipolência³. Todavia, como esclareço adiante, tal pirronismo tornar-se-á domesticado e integrado ao ceticismo acadêmico professado igualmente por ambos os autores.

A propósito, a tese de que o pirronismo é um ceticismo excessivo e extremado surge, ao menos na obra de Hume, a partir do argumento contra toda crença e evidência, visto que implica uma dúvida de maior extensão e radicalidade, ao abarcar todos os objetos da cognição humana, sejam aqueles derivados dos sentidos, sejam os derivados da própria razão.

Portanto, ainda que a leitura de Hume sobre o pirronismo não seja tão completa como aquelas que temos disponíveis atualmente, não se podem ignorar as circunstâncias históricas que o permitiram pensar de tal maneira. Nesse sentido, como mostrarei neste trabalho, Hume está correto pelo menos ao associar o argumento cétrico quanto à razão ao ceticismo pirrônico.

¹ Padrão de citação do *Tratado da natureza humana*: T, livro, parte, seção, parágrafo. Padrão de citação da *Carta de um Cavalheiro a seu amigo em Edimburgo*: L, parágrafo. Padrão de citação das *Meditações Metafísicas*: AT, número do volume e parágrafo.

² É importante mencionar que outros autores, particularmente da escola do senso comum, como George Campbell e Thomas Reid, também foram influenciados pelas discussões sobre o ceticismo quanto à razão no século XVIII. Não irei examinar as obras desses autores aqui.

³ Por equipolência entendo a estratégia cétrica de opor argumentos de igual força persuasiva, no intuito de produzir um estado de indecisão sobre qual argumento assentir.

Muitos intérpretes⁴ veem entre Hume e os pirrônicos mais aproximação que distanciamento. De fato, Hume parece aproximar-se de uma versão urbana do pirronismo pregado por Sexto Empírico bem menos radical que a professada inicialmente por Pirro⁵. Esse pirronismo não prega uma rejeição radical a toda crença, mas somente uma suspensão do juízo quanto à possibilidade de sua justificação epistêmica, tendo em vista que tal ceticismo é ainda positivo quanto ao papel prático que as crenças exercem na ciência e na vida ordinária. Todavia, se esses pontos estão corretos, em que medida podemos considerar Hume um herdeiro do pirronismo? E qual seria o papel do seu autodeclarado ceticismo acadêmico?

Para responder essas questões, este trabalho mostra que somente recorrendo à história do ceticismo moderno anterior à Hume é possível preencher tal lacuna interpretativa (empreendimento que, aliás, tem sido negligenciado por muitos intérpretes atuais desse autor).

Com efeito, poucos especialistas se prestaram a examinar historicamente as origens do ceticismo do filósofo escocês; na maior parte das vezes, apenas apontaram que foram os filósofos da escola do senso comum – como Thomas Reid (Escócia, 1710-1796) e James Beattie (Escócia, 1735-1803), além de Kant (Alemanha, 1724-1804) – que se dedicaram posteriormente às questões cétricas suscitadas principalmente no *Tratado da Natureza Humana*.

Todavia, entre os intérpretes tradicionais, Fogelin tem apresentado a existência de um ceticismo teórico em Hume, baseado na consistência dos argumentos cétricos⁶. A meu ver, é importante acrescentar, na interpretação de Fogelin, o papel que a equipolência cétrica exerce sobre as posições filosóficas dogmáticas, por meio desse ceticismo teórico.

Aliás, essa equipolência intrínseca ao argumento cétrico está igualmente presente desde sua formulação em Huet. Portanto, nesse sentido, de acordo

⁴ Conferir autores em: BAXTER, D. A Pyrrhonian Interpretation of Hume on Assent. In: *Skepticism from antiquity to the present*. Editado por Diego E. Machuca e Baron Reed. Londres e Nova York: Bloomsbury Publishing Plc, 2018; FOGELIN, R. J. *Hume's Scepticism in the Treatise of Human Nature*. London: Routledge, 1985; FOGELIN, Robert. *Hume's Sceptical Crisis*. New York: Oxford University Press, 2009; POPKIN, R. H. David Hume: His Pyrrhonism and His Critique of Pyrrhonism, in *The Philosophical Quarterly*, Vol. 1, No. 5 Oct., 1951.

⁵ Cf. FOGELIN, Robert. The Skeptics Are Coming! The Skeptics Are Coming! *Pyrrhonian Skepticism*. Ed. Walter Sinnott-Armstrong. New York, NY: Oxford UP, 2004, p. 164.

⁶ De acordo com Fogelin, Hume sustenta um “ceticismo total” teoricamente consistente, na medida que, para o escocês, não há fundamentos racionais para justificação de crenças e, por essa razão, Hume seria um cétrico teórico quanto à capacidade justificatória da razão: “[...] Hume conclui que ‘todas as regras da lógica exigem uma diminuição contínua e, finalmente, uma extinção total da crença e da evidência’. Essa conclusão e o argumento que a essa conduz estabelecem minha afirmação de que, pelo menos no *Tratado*, Hume aceita um ceticismo teórico que é inteiramente não-mitigado” (Cf. FOGELIN, *Hume's Sceptical Crisis*, p. 106).

com Popkin, a comparação de Hume com Huet é bastante promissora, na medida em que aponta o relevante papel instrumental exercido pelo argumento cético quanto à razão em contrabalancear o dogmatismo:

[...] Hume seguiu Huet ao ver a necessidade de o cético, assim como todos os outros, acreditar, uma vez que saísse de seu estudo (...) uma maneira de prender o dragão pirrônico no gabinete filosófico e passar a viver e crer de maneira sã e normal.⁷

Embora Popkin esteja se referindo aqui ao jovem Hume, há de se notar que ele não fala especificamente do ceticismo quanto à razão e sim das semelhanças gerais entre as posições do escocês e de Huet, particularmente quanto ao aspecto pirrônico envolvido em ambos os autores.

Maia Neto também aborda a influência de Huet sobre Hume, vinculando o primeiro à objeção do segundo ao chamado “ceticismo antecedente extremado”, apresentado na seção 12 da primeira *Investigação*. Todavia, como estou defendendo aqui, tal influência já é bastante clara, e até mais profunda, no *Tratado*⁸.

Finalmente, em seu recente trabalho *Hume's Scepticism: Pyrrhonian and Academic*, Fosl aponta que o argumento cético quanto à razão apresentado no *Tratado* está estruturalmente baseado no segundo tropo pirrônico de Agripa do regresso ao infinito⁹. Com efeito, acrescento ainda que, anteriormente a Hume, a influência de Agripa já estava presente na obra *Censura à filosofia cartesiana*, de Huet¹⁰.

Por esse motivo, tal como detalharei adiante, o ceticismo quanto à razão é uma forte evidência no que diz respeito à continuidade do ceticismo pirrônico na modernidade, particularmente na obra de Huet até Hume.¹¹

Huet e o ceticismo

Se há realmente algum aspecto de ceticismo pirrônico na filosofia de Hume, como muitos intérpretes buscam destacar, afirmo que Huet exerce um

⁷ Cf. POPKIN, R. H. The sceptical precursors of David Hume, in *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. 16, no 1, 1955, p. 70, tradução minha.

⁸ Cf. MAIA NETO, José R. The sceptical Cartesian background of Hume's 'Of the Academic or Sceptical Philosophy' (First Inquiry, Section 12), in *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, no 132, 2015, p. 377.

⁹ Cf. FOSL, Peter S. *Hume's Scepticism: Pyrrhonian and Academic*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019, p. 91.

¹⁰ Cf. HUET, P-D. *Against Cartesian Philosophy*. Tradução de Thomas Lennon. Amherst: Humanity, 2003 [1689].

¹¹ Como menciono adiante, Bayle é outro autor moderno que segue o mesmo tipo de ceticismo quanto à razão.

papel fundamental nisso, particularmente pela maneira como reinterpretou o argumento do “Deus enganador” de Descartes.

Pois tanto Descartes quanto os cétricos viram bem que se deve duvidar, mas com esta diferença: Descartes interrompeu a dúvida onde ela era mais necessária sobre um princípio que não é menos incerto que todas as outras coisas que o tinham levado às suas dúvidas; [...] Tanto mais distante de destruir a doutrina dos cétricos como pretendia, ele a fortificou poderosamente com este argumento que foi debatido por nós de que não sabemos se Deus não nos fez para que nos enganássemos continuamente. Na medida em que Descartes nada encontrou que se opusesse a esse argumento, senão que se fosse assim, Deus seria enganador, e que nós mostramos que essa objeção não se concilia com suas demais opiniões, está claro que Descartes não poderia oferecer nada mais vantajoso aos acadêmicos. Isso porque Descartes e seus partidários defendem que se não podemos estar completamente seguros de que Deus não nos criou para que errássemos continuamente [...] não teríamos como conhecer nenhuma regra segura de verdade.¹²

É claro que Huet se vale de outras estratégias para refutar Descartes, mas penso que o argumento em questão tenha um escopo apropriado para suas pretensões cétricas, além de ser bastante recorrente ao longo de sua obra. Uma passagem que considero corroborar minha interpretação – e que será fundamental para o presente exame – pertence ao seu livro *Tratado sobre a fraqueza do entendimento humano*, no qual Huet assume abertamente o viés cético de sua filosofia por meio da suspensão do juízo com relação às capacidades cognitivas humanas:¹³

[...] suponha que realmente Deus nos formou para que sempre estejamos enganados, mas essa não seria uma razão suficiente para colocarmos o engano em sua responsabilidade [...] podemos igualmente supor a conduta de Deus para com a humanidade que Ele nos torna sensíveis à infidelidade de nossos sentidos, ao engano de nossa razão, à fraqueza de nossa compreensão e à obscuridade e incerteza de nossas percepções. Ele nos previne pelos oráculos de sua sagrada palavra, que já citei, pela própria natureza de nossa razão e sentidos, e por nossa própria experiência. [...] Além disso, seria mais vantajoso se Deus nos tivesse excluído do conhecimento da verdade, do que se Ele nos tivesse deixado um caminho aberto e fácil para chegar até ela. *Pois quando estivermos totalmente persuadidos de que não podemos atingir nenhum conhecimento claro, certo e perfeito da verdade, estaremos muito aptos a suspender nosso julgamento e, portanto, nunca seremos enganados.*¹⁴

¹² Cf. HUET, *Against Cartesian Philosophy*, p. 112. As traduções feitas por mim para o português das obras de Huet foram cotejadas com as de Martins e Loque, respectivamente encontradas em MARTINS, B. R. *Huet e Régis: interpretações da dúvida cartesiana em disputa*. Dissertação. Fafich. UFMG, 2020 e HUET, D-P. *Tratado sobre a Fraqueza do Espírito Humano*. Tradução parcial da versão francesa por Flávio Fontenelle Loque, in *Sképsis*, n. 15, 2017 [1723], p. 179-217.

¹³ Neste trabalho, comparei a versão original francesa com a versão inglesa para realizar a tradução.

¹⁴ Cf. HUET, D-P. *A philosophical treatise concerning the weakness of human understanding*. Traduzido para o inglês por Eduard Combe. Editado por Matthew de Varenne, 1725 [1723], Disponível em: <<https://archive.org/details/aphilosophicalt00huetgoog>>, p. 205-206, grifo meu.

Em primeiro lugar, enfatizo que Huet recria o argumento originalmente cartesiano, transformando-o numa dúvida insuperável, em termos que considero serem tipicamente pirrônicos, levando-o a consequências céticas bem mais radicais do que o próprio Descartes estaria disposto a admitir, por meio de sua dúvida hiperbólica, visto que, nesse caso, seu papel é apenas propedêutico para a descoberta da verdade.

Em segundo lugar, mostro que Huet também apresenta um jogo pirrônico de equipolência, a fim de chegar efetivamente à suspensão do juízo. Evidentemente, não nego que todo esse pirronismo está acomodado ao ecletismo acadêmico professado por Huet, mas meu intento aqui é justamente distinguir sua estratégia pirrônica, a fim de examinar sua similaridade com a posição de Hume.

Uma interpretação possível, alternativa à minha, com relação à função desempenhada pela versão do argumento do Deus enganador de Huet, seria considerá-lo estritamente um argumento *reductio ad absurdum* contra o cartesianismo, no sentido de que Huet conduz cuidadosamente as premissas de Descartes a uma consequência absurda e então conclui que elas devem estar erradas (outro caso é a objeção huetiana à doutrina cartesiana da criação das verdades eternas, que explicarei adiante).

Todavia, a razão que me leva a pensar de outra maneira está exatamente no modo pelo qual Huet se vale do argumento do Deus enganador, cujo intuito é sobretudo o de produzir equipolência às teses cartesianas, sem que, com isso, evidentemente, se pretenda propor qualquer outra tese dogmática alternativa à de Descartes, visto que o objetivo principal de Huet é especialmente a suspensão do juízo.

Desse modo, penso que, para que as objeções céticas de Huet sejam integralmente aceitas, faz-se necessário assumir alguns pressupostos que não estão diretamente ligados ao modo como Descartes estabeleceu originalmente o seu argumento do Deus enganador, uma vez que Huet transforma-o inequivocamente em um argumento cético. Por exemplo, para Descartes, é bastante claro que Deus é bom e veraz e não nos criaria visando nos enganar sempre. Descartes levanta a hipótese de um Deus enganador para colocar em questão princípios inteligíveis, mas, em última análise, a verdadeira causa do erro é a precipitação da vontade humana sobre o intelecto e não a nossa suposta natureza imperfeita.

De onde então nascem meus erros? Unicamente de que, como a vontade manifesta-se mais ampla do que o intelecto, não a contendo dentro dos mesmos limites e a estendo também a coisas que não entendo. E, por ser indiferente a essas coisas, a vontade desvia-se facilmente do verdadeiro e do bom, e é assim que erro e peço.¹⁵

¹⁵ Cf. DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. Tradução de Fausto Castilho. Ed. bilíngue. Campinas: Editora Unicamp, 2004 (AT VII 58).

O que, portanto, diferencia Huet de Descartes é que o primeiro implica do argumento do Deus enganador a fragilidade das faculdades cognitivas humanas, considerando, inclusive, a possibilidade de Deus ter nos criado realmente como seres imperfeitos (possibilidade pela qual não deveríamos culpar Deus). Descartes decerto não estaria disposto a aceitar isso, pois, em sua filosofia, é indispensável a garantia da fiabilidade das faculdades, de modo que ele remonta o erro tão somente ao mau uso delas, e não a elas próprias. De modo contrário, para Huet, somente a suspensão do juízo nos libertaria do erro congênito à nossa frágil cognição. Por outro lado, diferentemente de Descartes, que exige para o conhecimento seguro um princípio indubitável em que se possa estabelecer ideias claras e distintas, para Huet, o conhecimento possível de se obter com segurança pelo intelecto humano é tão somente da ordem da probabilidade e da verossimilhança.

Contudo, dizendo que certas coisas nos parecem verdadeiras, não asseguro por isso que sejam verdadeiras, pois uma coisa é parecer, outra coisa é ser. Tampouco asseguro que essas coisas nos parecem verdadeiras, digo somente que isso assim me parece, pois, como digo que o que é verossímil é incerto, digo também que a ideia do verossímil é incerta, de modo que, quando digo que uma coisa me parece verossímil, isso mesmo que digo está sujeito à mesma lei da incerteza. Ora, são essas verossimilhanças e probabilidades que devemos seguir na condução da vida na falta da verdade, seja quando a inclinação natural de nosso entendimento e de nossos sentidos nos atrai, seja quando somos forçados pelas necessidades de nosso corpo, como pela fome e pela sede, seja quando seguimos os costumes e as leis, seja quando é preciso praticar as artes necessárias à vida. Ao contrário, devemos rejeitar como falsidades as coisas que não têm nem verossimilhança, nem probabilidade sob pena de permanecer na inação ou, antes, sob pena de nos tornarmos toco e rocha.¹⁶

De maneira oposta a Huet, Descartes deixa de duvidar no momento em que encontra algum princípio que considera fora do escopo da dúvida; Huet, porém, não reconhece a validade desse princípio, de modo que sua dúvida não consiste num caminho metodológico para a busca da verdade, mas, em certo sentido, num fim em si mesma: “Evita-se a falsidade e o erro ao suspender o juízo e reter a crença e o consentimento [...] pois é uma tarefa vã e frívola buscar o que não se pode encontrar”¹⁷.

Assim, o pano de fundo em que Huet apresenta o argumento do Deus enganador é decerto um ceticismo quanto à razão, de modo que o uso da equipolência pirrônica pode ser evidenciado em suas objeções ao cogito cartesiano. O segundo ponto é quando Huet aponta, por exemplo, na própria doutrina cartesiana das verdades eternas, a possibilidade de Deus criar contraditórios e impossíveis, se assim o quiser: “Pois uma

¹⁶ Cf. HUET, *A philosophical treatise concerning the weakness of human understanding*, p. 153.

¹⁷ Cf. HUET, *Against Cartesian Philosophy*, p. 213.

de suas máximas é que Deus pode fazer com que duas coisas opostas e contraditórias possam ser verdadeiras ao mesmo tempo: e, portanto, não é impossível um homem que pensa é e não é”¹⁸.

Se a doutrina da criação das verdades eternas consiste na possibilidade de Deus criar o que quiser – pois a vontade de Deus não pode ser limitada –, não é impossível que Deus crie coisas que meu entendimento não possa conceber de forma clara e distinta – uma montanha sem vale ou um e dois não resultarem em três, por exemplo.

Ele [Descartes] proclama [...] que Deus é o autor da essência das coisas não menos que de sua existência, que proposições afirmando a verdade eterna, por exemplo, ‘o todo é maior que sua parte’, não são necessárias da perspectiva de Deus, que as coisas são verdadeiras ou possíveis porque são vistas como tais por Deus, que Deus pode fazer possíveis porque são vistos como tais por Deus, que Deus pode fazer com que coisas mutuamente contraditórias ocorram simultaneamente.¹⁹

Ao depender a produção das verdades eternas da livre vontade divina, Huet afirma que a doutrina cartesiana oferece também ambas as possibilidades: criar ou não uma montanha com vale ou que dois e três resultem ou não em cinco. Todavia, ainda que Descartes defenda a livre criação divina das verdades eternas, é claro que apenas uma dessas verdades pode ser necessária (a efetivamente criada), enquanto a segunda, apenas possivelmente necessária. Dito de outro modo, a contrafactualidade de uma verdade possível não exclui a verdade existente no mundo atual. A meu ver, há um jogo de equipolência no modo como Huet reapresenta a doutrina cartesiana das verdades eternas. Ressalto que ele não está propriamente comprometido com a tese de que Deus, de fato, cria contraditórios e impossíveis, mas somente usa tal argumento com o objetivo de opor-se à tese originalmente cartesiana. Embora esse argumento seja diferente do argumento do Deus enganador, ainda permanece, em ambos os casos, o problema de se saber se “penso, logo existo” seria um engano ou não, no qual caberia ao sábio somente a suspensão do juízo quanto ao assunto.

Especificamente no caso da doutrina cartesiana da criação das verdades eternas, Huet pretende instaurar um jogo de equipolência que incidirá sobre a primeira certeza cartesiana, isto é, sobre afirmação “penso, logo existo”, por meio da afirmação oposta de que é possível pensar e não existir. Da mesma maneira que, se assim o quisesse, Deus poderia criar uma mesma montanha com vale e sem vale. Segue-se que, então, a possibilidade de afirmar “penso e não existo” teria um peso equivalente à afirmação de que “penso, logo existo”, justamente porque, em última análise, o possível e o impossível se equivaleriam no jogo de equipolência. Não obstante, esse

¹⁸ *Ibid.*, p. 76.

¹⁹ *Ibid.*, p. 76.

ponto parece sugerir também um traço de pirronismo, dado que, como dito acima, Huet não está genuinamente comprometido com a versão desatinada da doutrina das verdades eternas, mas somente com a tese cética sobre a fragilidade das faculdades cognitivas humanas.

Sendo a suspensão do juízo, portanto, o caminho mais seguro e reto para a preservação da integridade intelectual, sobre esse último ponto Huet assume-se um cético acadêmico por meio da evitação do erro, cujos aspectos de pirronismo, como se vê, não estão aí desvinculados. Aliás, Huet abdica da distinção entre acadêmicos e pirrônicos, apresentando-os simultaneamente como aqueles que se dedicaram a examinar os limites e as fragilidades que envolvem a cognição humana: “[...] não pode haver nenhuma diferença entre os *acadêmicos* e os *pirrônicos*, visto que ambos os lados concordam que não podem compreender nada, e que nem mesmo compreendem que nada compreendem [...]”²⁰.

Em miúdos, reitero que o objetivo de Huet não é propriamente afirmar que, de fato, existem contraditórios que ocorrem simultaneamente, mas sobretudo apresentar um jogo de equipolência, a fim de determinar uma suspensão do juízo. Nesse caso, há evidências textuais que apontam suficientemente sua influência pirrônica sobre o ceticismo quanto à razão em Hume.

Não obstante, é também possível que o influenciador do ceticismo quanto à razão de Hume tenha sido diretamente Bayle, já que a nota B do verbete Pirro do *Dicionário* contém igualmente dúvidas com relação aos princípios da razão²¹. Não é difícil aceitar que Hume conhecia esses argumentos apresentados no *Dicionário*, mas é importante notar que, nesse aspecto, Bayle pode ter sido influenciado por Huet²².

Aliás, Maia Neto aponta a importante influência de Huet sobre Bayle, particularmente no que toca às objeções que o segundo faz ao critério de verdade ou à evidência da contraposição entre os mistérios da fé cristã e os princípios da razão²³. O autor sustenta que a figura do abade erudito apresentada por Bayle corresponde historicamente à figura de Huet. Vale notar que o propósito principal de Huet é, de fato, sustentar que as verdades da fé são superiores ao que podemos conhecer recorrendo à razão.

²⁰ Cf. HUET, *A philosophical treatise concerning the weakness of human understanding*, p. 122.

²¹ Cf. BAYLE, P. *Dictionnaire Historique et Critique*. 16 vols. Geneva: Slatkine Reprints [1a. edição, Roterdã: Rainier Leers, 1697], 1969.

²² Não obstante, Maia Neto se esforça para apontar o ceticismo acadêmico em Bayle, ainda que o verbete do *Dicionário* esteja intitulado “Pirro”. De fato, há muitos aspectos ligados ao ceticismo acadêmico entre os autores modernos; não obstante, o argumento cético quanto à razão era, em particular, frequentemente associado ao pirronismo pelas razões que este artigo busca apresentar.

²³ Cf. MAIA NETO, José R. Descartes, Huet e o ceticismo, in *Analytica*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 1, 2018, p. 9-37.

Hume e a razão cética

Na seção 1.4.1 – *Do ceticismo quanto à razão*, Hume não cita nenhum autor, apesar de que todos os temas supracitados tenham sido claramente apresentados, em maior ou menor grau, ao longo dessas quatro páginas do *Tratado*. Nesse sentido, podemos corretamente concluir que Hume não poderia ter deixado de conhecer a discussão posta inicialmente por Huet sobre o ceticismo quanto à razão.

Na *Carta de um Cavalheiro a seu amigo em Edimburgo*, Hume (1745) menciona Huet como o “erudito bispo de Avaranches”²⁴. Nela, Hume indica claramente que conhecia o *Tratado sobre a Fraqueza do Entendimento* (1723/1725), publicado postumamente no século XVIII²⁵. Hume faz alusão à Huet como aquele que escreveu uma obra “na qual se esforça para reviver todas as doutrinas dos antigos cétricos ou pirrônicos”²⁶.

Como mencionado, embora Huet seja considerado um cético acadêmico, Hume não está enganado ao afirmar que há relevantes aspectos pirrônicos na posição huetiana, que, aliás, são bastante similares ao pirronismo encontrado em sua própria posição.

De fato, o argumento cético quanto à razão apresentado por Hume – amiúde chamado pelos intérpretes de “argumento da diminuição” – pretende pôr em suspeição todos os nossos julgamentos, visando atingir um ceticismo total, de uma maneira muito próxima ao argumento do Deus enganador da forma interpretada por Huet. Nesse sentido, reitero que é bastante plausível que a versão huetiana do argumento do Deus enganador, cujo objetivo é produzir equipolência ao dogmatismo cartesiano quanto às nossas capacidades cognitivas, tenha relevantes aspectos de pirronismo, os quais foram influentes no ceticismo de Hume. Dada a abrangência desse argumento, não é difícil notar que se trata de um ceticismo quanto à razão, tendo em vista que ele visa atacar até mesmo as verdades demonstrativas da aritmética e da geometria, que Descartes, por sua vez, considerava as certezas mais fáceis e simples.

Do mesmo modo que julgo que os outros às vezes erram acerca de coisas que presumem saber à perfeição, não estaria eu mesmo de igual maneira errando, cada vez que adiciono dois a três ou conto os lados do quadrado ou faço outra coisa que se possa imaginar mais fácil?²⁷

²⁴ Hume escrevia Avaranches, ao invés de Avranches.

²⁵ É preciso considerar que, nesta época, já existia uma tradução para o inglês de Edward Combe, publicada em Londres, por Matthew de Varenne, em 1725.

²⁶ Cf. HUME, David. *Carta de um Cavalheiro a seu Amigo em Edimburgo* [tradução de Plínio Junqueira Smith], in *Sképsis*, ano 1, n. 1, 2007 [1745] (L 21), p.119-128. Como dito, ainda que Huet se autodeclare um cético acadêmico, é preciso considerar que o próprio autor não descartava completamente aspectos importantes da seita pirrônica em sua posição. Penso que esses aspectos estão bastante presentes no ceticismo quanto à razão de Hume.

²⁷ Cf. DESCARTES, *Meditações Metafísicas*, (AT VII 21).

Esse ponto é importante para a minha leitura, pois, como veremos, o fundamento do argumento de Hume está baseado na experiência de “todos os casos em que nosso entendimento nos enganou”²⁸ e na possibilidade de experimentarmos novamente esse engano em um julgamento futuro. Sendo assim, ambos os argumentos indicam que a origem da incerteza está em nosso entendimento, isto é, na possibilidade do erro e do engano.

A propósito, não é difícil admitir que o domínio de objetos postos em dúvida pelo ceticismo quanto à razão tenha uma abrangência ainda maior do que o ceticismo quanto aos sentidos e ao mundo exterior. No caso do argumento cartesiano do sonho, por exemplo, continuaria a ser verdadeiro que, ao somar 4 e 3, o resultado esperado seja 7, ainda que se trate somente de alguém sonhando, sem qualquer segurança a respeito da realidade material independente da mente. Todavia, no caso do argumento do Deus enganador, interpretado da forma cética por Huet, não há o mesmo grau de certeza quando se supõe que Deus criou nossas faculdades cognitivas de modo a sempre estarem fadadas ao erro e ao engano.²⁹ Nesse sentido, não haveria qualquer possibilidade de segurança ou certeza com relação às nossas operações cognitivas, nem mesmo na mera soma de 4 e 3.

Similarmente, para Hume, dado que todo conhecimento demonstrativo ou matemático pode degenerar em probabilidade, e toda probabilidade pode degenerar em nada, segue-se que não teríamos igualmente qualquer garantia de crença e de evidência para qualquer julgamento futuro, por mais fácil e simples que seja.³⁰

Nenhum objeto finito pode subsistir a um decréscimo repetido ao infinito; e, desse modo, até a maior quantidade concebível pela imaginação humana deve se reduzir a nada. Por mais forte que seja a nossa crença inicial, ela infalivelmente perecerá ao passar por tantos novos exames, cada um dos quais diminui um pouco sua força e vigor. Quando reflito sobre a falibilidade natural do meu juízo, confio menos em minhas opiniões do que

²⁸ Cf. HUME, David. *Tratado da Natureza Humana*. Incluindo o Apêndice e o Resumo. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2009 (T, 1.4.1.1).

²⁹ Especificamente para Descartes, trata-se de que Deus pode ter-nos criado para que sempre erremos e que, quanto mais imperfeitos formos, mais imperfeita será nossa origem. Nesse sentido, o argumento originalmente cartesiano seria mais especialmente sobre a incerteza quanto a nossa origem e a consequente possibilidade de não termos acesso a verdades indubitáveis. Consequentemente, a interpretação sobre a falibilidade de nossas faculdades é mais própria da recepção cética de Descartes.

³⁰ Não é consensual entre os intérpretes que o argumento completo de Hume seja consistente, justamente pela afirmação de que “toda probabilidade degenera em nada”, dado que uma probabilidade não pode equivaler a 0%.

Não obstante, o propósito deste artigo não é propriamente discutir exaustivamente o argumento humiano, mas somente apontar os aspectos de pirronismo que influenciaram Hume e Huet na elaboração dos seus respectivos argumentos (ainda que o argumento de Hume pudesse estar simplesmente errado). Para mais detalhes, conferir em: CAMPELO, W.H.P. O Desafio da razão no “ceticismo total” de Hume e a influência cartesiana, in *Dois Pontos*, v. 15, n. 1, 2018, p. 111-127.

quando considero apenas os objetos sobre os quais raciocinamos. *E quando vou ainda mais longe, inspecionando minhas sucessivas estimativas acerca de minhas faculdades, todas as regras da lógica determinam uma contínua diminuição e, finalmente, uma extinção total da crença e da evidência.*³¹

Nesse sentido, de acordo com Hume, a tentativa de corrigir o nosso juízo anterior gera um regresso ao infinito, uma vez que não temos qualquer garantia – ou uma “generosidade” divina – que possa nos assegurar de que não estamos caindo novamente no erro e no engano: “essa solução, mesmo favorável a nosso juízo precedente, deve enfraquecer ainda mais nossa primeira evidência, sendo ela própria enfraquecida por uma quarta dúvida do mesmo tipo, e assim ao infinito”³².

Portanto, da mesma maneira que em Descartes, a possibilidade do erro e do engano estende-se indefinidamente de forma recursiva e isso, para Hume, poderia conduzir à autodestruição de nossa faculdade do entendimento, salvo que nossas crenças impediriam que isso realmente aconteça:

[...] a natureza quebra a força de todos os argumentos céticos a tempo, impedindo-os de exercerem qualquer influência considerável sobre o entendimento. Se fôssemos confiar inteiramente em sua autodestruição, teríamos de esperar até terem antes minado toda a convicção e destruído inteiramente a razão humana.³³

Evidentemente, ainda que exista significativas diferenças entre o argumento de Hume e de Descartes, o propósito da versão cética do argumento cartesiano proposta por Huet é basicamente a mesma do argumento de Hume. Consequentemente, não parece ser controverso aceitar que ambos os argumentos – de Hume e de Huet – possuem o mesmo escopo, isto é, são argumentos suspensivos e equipolentes.

Em Hume, o “argumento da diminuição” apresenta um domínio teórico que se opõe, à maneira pirrônica, às metafísicas dogmáticas.

As razões cética e dogmática são da mesma espécie, embora contrárias em suas operações e tendências. Desse modo, quando a última é forte, encontra na primeira um inimigo com a mesma força; e, como suas forças de início eram iguais, elas continuam iguais, enquanto uma das duas subsiste. A força que uma perde no combate é subtraída igualmente da antagonista³⁴.

Como sabemos, o compromisso com a prudência intelectual, também fundada na máxima newtoniana “*hypothesis non fingo*”, conduz o filósofo escocês a restringir suas especulações a um número bastante limitado de seres independentes da mente (especificamente, causação e objetos). Nesse sentido, qualquer

³¹ Cf. HUME, *Tratado da Natureza Humana*, (T, 1.4.1.6, grifo meu).

³² *Ibid.*, (T, 1.4.1.6).

³³ *Ibid.*, (T, 1.1.4.12).

³⁴ *Ibid.*, (T, 1.1.4.12).

especulação, sem base na experiência e na observação, é desautorizada por Hume, da mesma maneira que Huet desautoriza a metafísica cartesiana. Esses argumentos céticos têm sobretudo a função de produzir contrapesos às teses opostas sobre o mesmo assunto, mas não afetam o compromisso de Hume nem de Huet com a ciência e com a vida ordinária.

É nesse aspecto, portanto, que ambos os autores apresentam um ceticismo acadêmico eclético de inspiração ciceroniana, uma vez que traços do pirronismo não estão excluídos de suas respectivas posições.³⁵ Sendo assim, reforço que os argumentos céticos de Huet e também os de Hume levam a um ceticismo radical, que, por meio da equipolência de teses, conduz à suspensão do juízo. No caso de Huet, temos um desenvolvimento ainda mais radical da dúvida hiperbólica, tornando-a insuperável (algo que Hume fará à sua maneira). Nesse sentido, a objeção huetiana não é um argumento *reductio ad absurdum* contra a filosofia cartesiana, mas tem o papel de produzir dúvida e equipolência cética.

É importante destacar que a versão huetina do argumento cartesiano põe em xeque a capacidade do intelecto humano de perceber verdadeiramente, de forma clara e distinta, de modo similar ao que Hume compreende o papel do seu argumento da diminuição. Nesse sentido, se não há nenhuma razão para estarmos certos em assentir a verdades simples e fáceis – como chegar ao resultado 5 ao somar 2 e 3 –, tampouco poderíamos perceber clara e distintamente verdades ainda mais complexas. O que conduz, portanto, ambas as posições, de Hume e Huet, ao pirronismo.

Referências

BAXTER, D. A Pyrrhonian Interpretation of Hume on Assent. In: *Skepticism from antiquity to the present*. Editado por Diego E. Machuca e Baron Reed. Londres e Nova York: Bloomsbury Publishing Plc, 2018, p. 380-394.

BAYLE, P. *Dictionnaire Historique et Critique*. 16 vols. Geneva: Slatkine Reprints [1a. edição, Roterdã: Rainier Leers, 1697], 1969.

_____. “Pirro”, tradução Plínio Junqueira Smith, *Sképsis*, vol 1, n. 2, 2007, p. 149-169.

CAMPELO, W. H. P. O Desafio da razão no “ceticismo total” de Hume e a influência cartesiana, in *Dois Pontos*, v. 15, n. 1, 2018, p. 111-127.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. Tradução de Fausto Castilho. Ed. bilíngue. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

³⁵ Hume, diferentemente de Huet, distingue o ceticismo pirrônico do acadêmico pela radicalidade maior do primeiro. Todavia, há muitas controvérsias interpretativas quanto a Hume ter sido ou não sincero ao rejeitar o pirronismo.

FOGELIN, R. J. *Hume's Scepticism in the Treatise of Human Nature*. London: Routledge, 1985.

_____. *Hume's Sceptical Crisis*. New York: Oxford University Press, 2009.

_____. The Sceptics Are Coming! The Sceptics Are Coming!, in *Pyrrhonian Scepticism*. Ed. Walter Sinnott-Armstrong. New York, NY: Oxford UP, 2004, p. 161-173.

FOSL, Peter S. *Hume's Scepticism: Pyrrhonian and Academic*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019.

HUET, P-D. *Against Cartesian Philosophy*. Tradução de Thomas Lennon. Amherst: Humanity. 2003 [1689].

_____. *A philosophical treatise concerning the weakness of human understanding*. Traduzido para o inglês por Eduard Combe. Editado por Matthew de Varenne, 1725 [1723]. Disponível em: <<https://archive.org/details/aphilosophicalt00huetgoog>>. Acesso em 24/05/2023.

_____. *Tratado sobre a Fraqueza do Espírito Humano*. Tradução parcial da versão francesa por Flávio Fontenelle Loque, in *Sképsis*, n. 15, p. 179-217, 2017 [1723].

HUME, D. *Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os princípios da Moral*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNE, 2004.

_____. Carta de um Cavalheiro a seu Amigo em Edimburgo [tradução de Plínio Junqueira Smith], in *Sképsis*, ano 1, n. 1, p. 119-128, 2007 [1745].

_____. *Tratado da Natureza Humana*. Incluindo o Apêndice e o Resumo. Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2009.

MAIA NETO, J. R. 'As principais forças dos Pirrônicos' (La 131) e sua apropriação por Huet, in *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, vol. 47, n. 114, 2006, p. 237-257.

_____. The sceptical Cartesian background of Hume's 'Of the Academical or Sceptical Philosophy' (First Inquiry, Section 12), in *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, no 132, 2015, p. 371-392.

_____. Descartes, Huet e o ceticismo, in *Analytica*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 1, 2018, p. 9-37.

MARTINS, B. R. *Huet e Régis: interpretações da dúvida cartesiana em disputa*. Dissertação. Fafich. UFMG, 2020.

POPKIN, R. H. David Hume: His Pyrrhonism and His Critique of Pyrrhonism, in *The Philosophical Quarterly*, Vol. 1, No. 5 Oct., 1951, p. 385-407.

_____. The sceptical precursors of David Hume, in *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. 16, no 1, 1955, p. 61-71.

Endereço do Autor:

Universidade Federal do Amazonas
Av. Gen. Rodrigo Octávio 6200, FAPSI, Setor Sul
Coroado I
69080900 Manaus – AM – Brasil

E-mail: wendel_filosofia@hotmail.com